

Segurança e Globalização

*Carlos Alberto da Costa Gomes

O noticiário não deixa dúvida sobre o aumento da oferta e consumo de drogas proibidas, com destaque para a Cocaína e o Crack. São mortes, atentados, ônibus incendiados, armas, tiroteios etc. Embora não seja relevante, é interessante saber o porquê desse aumento exponencial da oferta de drogas, antes tão caras e inacessíveis aos usuários de pequena renda.

Na guerra do Afeganistão de 1979-1989, os Estados Unidos apoiaram os Talibãs, grupo fundamentalista muçulmano, que ao vencer o conflito, no poder, com o recurso da pena de morte, proibiram o uso e a produção de drogas. Gerou-se assim um “desabastecimento” no mundo de heroína derivada da papoula, tradicional cultura do país. O crime organizado transnacional viu aí uma oportunidade: suprir a demanda com cocaína, droga produzida a partir da folha de coca, farta e parcialmente legalizada nos países andinos, onde faz parte da dieta indígena. Organizou-se então um assalto aos Estados produtores. Colômbia, Bolívia e Peru passaram por atentados, aumento da guerrilha, aumento da corrupção, criação de áreas liberadas etc. para “incrementar” a produção e atender a demanda dos “consumidores”, privados da heroína barata. A estratégia foi um sucesso, nunca se produziu tanta cocaína na América Latina.

Os atentados de 11 de setembro provocaram uma nova guerra no Afeganistão, agora contra o terrorismo, Estados Unidos e a Inglaterra derrubaram o regime Talibã na tentativa de prender ou matar seu líder: Osama Bin Laden e restabelecer os limites das zonas de guerra (sempre fora de seus territórios). Esta reviravolta levou a uma mudança no fundamentalismo islâmico dos Talibãs. Seus líderes passaram a ver na produção da droga, assim como ocorreu com as guerrilhas marxistas da América Latina após o fim do apoio soviético, uma forma de financiamento e “estratégia” para enfraquecer os “infiéis” da América do Norte e Europa. Agora a Al Qaeda não só deixa plantar como protege a produção de heroína que atingiu quantidades nunca antes imaginadas, com preços baixíssimos, retomando o mercado perdido para a cocaína.

Restou aos “produtores” da América Latina desenvolver o “mercado interno” barateando o custo da droga para vendê-la aos consumidores de baixa renda. O preço da Cocaína caiu e através do Crack, antes subproduto do refino e hoje elaborado a partir da cocaína pura, atinge-se viciados pobres e jovens com suas pequenas “mesadas”.

São os efeitos da Globalização do crime que não encontram uma correspondente “Globalização da Segurança”. Perdemos energia com idéias boas, mas desvirtuadas, que terminam por facilitar o aumento dos crimes - como o nosso pacto federativo que preserva a autonomia dos Estados, mesmo quando esta autonomia (mais para desarticulação) enfraquece a segurança da população.

*Coordenador do Observatório de Segurança Pública da Bahia

Carlos.gomes@unifacs.br